

Natália Marinho Ferreira-Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Homenagem

Discurso na sessão de entrega da Medalha de Ouro

ao Prof. Doutor José Marques

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – 17 de Outubro de 2003

Magnífico Reitor

Excelentíssimos Senhores Vice-Reitores

Excelentíssimos Senhores Presidentes dos Conselhos Directivo, Científico,
Pedagógico e Assembleia de Representantes e da Associação de Estudantes

Excelentíssimos Senhores Presidentes dos Departamentos da F.L.U.P.

Caros Colegas, Alunos e Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Na nossa qualidade de Presidente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património cumpre-nos proferir o elogio do nosso querido Colega, Prof. Doutor José Marques, muito justamente agraciado com a **Medalha de Ouro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto** pelos serviços prestados, ao longo de três décadas, nesta casa que tanto dignificou.

A nossa tarefa não é fácil já que as palavras de circunstância, e um elenco exaustivo dos seus trabalhos (que, nos fariam certamente ultrapassar o tempo que nos foi atribuído..), não bastariam para traçar com a fidelidade exigida o perfil do Colega, do Homem e do Amigo, cujo exemplo importa deixar registado.

A nossa ligação estética (e profissional) ao Barroco trouxe-nos à lembrança as palavras escritas no século XVII por Baltasar Gracián na sua obra intitulada *Oraculo manual y arte de prudencia*:

“Quanto maior for o seu carácter, maior será o homem. Como o brilho interior e profundo do diamante, o interior do homem deve valer sempre o dobro do seu exterior. Há sujeitos

que só têm fachada, como casas sem acabar porque faltou o dinheiro: têm uma entrada palaciana e os quartos como choças. Neles não há lugar onde descansar, ou tudo descansa, porque depois dos cumprimentos termina a conversa”^().*

Como as palavras de Gracián se aplicam bem ao Prof. José Marques! Se alguma faceta o caracteriza de forma marcante é a imensa generosidade do seu grande coração e a capacidade de partilha com os outros – alunos, colegas e amigos – dos seus conhecimentos e da sua vivência nos vários quadrantes em que decorre o seu quotidiano. Neste tempo que é o nosso, e onde os valores que devem nortear o nosso percurso terreno escasseiam; nesta época, em que a Universidade faz uma longa travessia no deserto, procurando novos caminhos, nem sempre da forma mais correcta, transformando-se, em prol do “progresso que já está aí”, numa máquina cujas engrenagens não se compadecem com as “lentidões” humanas – e seja-me permitido usar uma expressão algo amarga – diluindo e uniformizando cinzentamente o dia-a-dia dos utentes universitários e premiando os pseudo eficientes e egoístas; neste tempo que é o nosso, dizíamos, como é gratificante vermos alguém que é capaz de se revoltar contra as injustiças, que é capaz de afrontar o adversário, combatendo-o no seu próprio terreno, que luta pelos seus princípios, que defende os seus direitos, com serenidade, sem medo, mas com valentia, como é próprio das gentes destemidas do Alto Minho, onde as suas raízes mergulham.

Se as nossas palavras tentaram, em largas pinceladas, traçar o carácter do Homem, devemos procurar o seu reflexo na vertente universitária. Em 1969, quando chega à Faculdade de Letras (onde foi um brilhante aluno, tendo concluído a sua licenciatura em História com elevada classificação), José Marques traz consigo uma marca que irá estar presente ao longo da sua vida: a preparação cuidada que se exige a quem desempenha funções relevantes no Seminário Conciliar de Braga, por nomeação do Arcebispo – aliás, será oportuno recordar a sua qualidade de membro do Cabido da Sé Bracarense, com a dignidade de Mestre-Escola.

Iniciadas as suas actividades na F.L.U.P., como monitor em 1973 (e lembramos este facto propositadamente), os seus primeiros passos na docência seriam dados na disciplina de Paleografia e Diplomática, área onde se tornaria um reputado especialista. De assistente eventual (em 1974), a catedrático (em 1990), todos os graus da carreira académica seriam cumpridos em devido tempo, constituindo um marco decisivo o seu doutoramento em História Medieval, com a apresentação e defesa em provas públicas da excelente tese – ainda hoje considerada um estudo incontornável no conjunto da sua extensa obra – *A Arquidiocese de Braga no século XV*, para além do trabalho complementar intitulado *A administração municipal de Vila do Conde, em 1466*.

Analisando o binómio professor-investigador, já que estas são as coordenadas que definem o docente universitário, não podendo uma ser separada da outra,

caso contrário seria desvirtuada a autenticidade do espírito que rege a Universidade, comecemos pela sua actividade como docente. Podemos constatar, pela análise do seu extenso *curriculum*, que a História Medieval e a Paleografia e Diplomática, são as traves-mestras do seu trabalho enquanto professor, quer em disciplinas de licenciatura e pós-graduações, quer em seminários de mestrado. Refiram-se, particularmente, a disciplina de Aperfeiçoamento Paleográfico e Diplomática, bem como os cursos intensivos sobre Diplomática e Codicologia, revelando a sua alta especialização nesta área científica, os seminários que orientou sobre Propriedade na Idade Média e Instituições Eclesiásticas na Idade Média, e as disciplinas de História da Igreja e História da Igreja em Portugal.

Desde o ano de 1977, o Prof. José Marques participou, de forma activa e constante, em inúmeras reuniões científicas realizadas em Portugal (podemos afirmá-lo, de norte a sul...), Espanha, Alemanha, Reino Unido, França, U.R.S.S., Hungria, Áustria, Suíça, Bélgica e Brasil, não fazendo qualquer distinção, sob o ponto de vista de exigência pessoal, entre as suas diversas intervenções apresentadas – e citamos, meramente, a título de exemplo – na Academia Portuguesa de História (*A peste de 1362*, 1992), em Heidelberg (*Les bulles pontificales et la documentation portugaise*, 1996), em Gijón (*A Primazia das Espanhas: Braga ou Toledo*, 1998), ou em Melgaço (*Produtos melgacenses na gastronomia medieval*, 1997). Nesta linha, se inserem as conferências e as palestras que tem vindo a proferir sobre os temas da sua investigação, sendo de destacar uma presença constante nos mais diversificados sectores: Câmaras Municipais, Bibliotecas, Arquivos municipais e distritais, Escolas, Academias e Universidades, evidenciando-se o universitário que não se encerra na sua torre de marfim mas que, pelo contrário, deseja levar os seus estudos aos vários quadrantes da comunidade.

Ao longo da sua carreira integrou júris de provas de capacidade científica e aptidão pedagógica, mestrado, doutoramento, agregação, de concursos para professor associado e para professor catedrático, sendo a sua participação distribuída entre a sua própria universidade e as Universidades de Coimbra, Lisboa, Nova de Lisboa, Évora, Minho, Universidade Católica Portuguesa, Universidade Aberta de Lisboa e Instituto Politécnico de Tomar. O facto desta sua actividade se estender a outras universidades para além da sua, e de ter sido, em muitos destes júris, arguente ou relator, é comprovativo do prestígio que a comunidade científica lhe reconhece. Este mérito também fica a dever-se à grande qualidade científica dos trabalhos que tem vindo a orientar, quer de mestrado, quer de doutoramento, todos eles aprovados com a classificação máxima.

Entre os muitos serviços prestados à Faculdade, deve mencionar-se a sua passagem pelo Conselho Directivo (1983-1985), desempenhando o cargo de Presidente com a maior dignidade e firmeza, actuação que daria à F.L.U.P. uma grande credibilidade. Graças ao seu empenho, retomar-se-ia (em 1984) a publi-

cação da *Revista da Faculdade de Letras*, sendo o coordenador da série *História* desde 1985. Contudo, o dado mais relevante prende-se com a criação do Curso de Especialização em Ciências Documentais (cuja coordenação assumiria de imediato), e a abertura de uma área de doutoramento em Ciências Documentais. Anos mais tarde, e como consequência natural de todo este processo, surgiria no Departamento de Ciências e Técnicas do Património a licenciatura de Ciência da Informação (actualmente no seu terceiro ano lectivo), estabelecendo-se uma parceria interessante entre a Faculdade de Letras e a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Porém, se tivéssemos de escolher o traço mais evidente da sua vida de universitário, não hesitaríamos um momento em afirmar que o Prof. José Marques é, e será, até ao fim dos seus dias, um investigador nato. A paixão que se nota na sua voz quando nos diz que está a concluir mais um trabalho, faz-nos entender como é possível contarmos 163 (cento e sessenta e três) títulos em 2002 – com a publicação na *Revista da Faculdade de Letras. História* do artigo *Merecida Homenagem*, dedicado ao Prof. Doutor Baquero Moreno – e ontem o seu número ter subido para 185 (cento e oitenta e cinco); no entanto, ilustre Assistência, estamos convictos que neste momento a contagem já não está actualizada, e mais algum artigo terá sido, entretanto, redigido...

Devemos ainda realçar que o membro ilustre de Academias (Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia de Madrid), Institutos (Instituto Cultural Galaico-Minhoto e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), Sociedades (Sociedade Científica da Universidade Católica, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Sociedade Martins Sarmento), Centro de História da Universidade do Porto, da Comissão Internationale de Diplomatique e do Comité International de Paléographie Latine, é o mesmo **acérrimo defensor** de uma participação activa e crítica (muitas vezes saudavelmente acutilante...) na imprensa diária e periódica, contabilizada em cerca de meia centena de títulos e que alguns de nós, desejamos ver compilada brevemente numa brochura.

Por fim, resta-nos recordar o generoso professor que brinda os seus colegas (da nossa Faculdade e das faculdades vizinhas), que têm o privilégio de com ele partilhar o almoço no Círculo Universitário (do lado dos “pobres”...) com deliciosas lições sobre as suas últimas descobertas, sejam elas a célebre questão da *marrã*, ou o curiosíssimo levantamento das catástrofes naturais em tempos passados.

HOMENAGEM

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Se a máxima socrática *Conhece-te a ti próprio* é importante, também necessário se torna vermos o nosso reflexo nos olhos do Outro. Assim, ao terminarmos o nosso elogio na cerimónia de Homenagem ao Prof. Doutor José Marques, olhando nos olhos o nosso querido Colega e Amigo, cujo exemplo de Vida e de postura universitária nos serve a muitos de nós de modelo, recordamos de Marco Aurélio um dos seus *Pensamentos* que nos tem acompanhado desde a nossa juventude:

“Assemelhar-me ao promontório, contra o qual incessantemente se desfazem as vagas: ele permanece de pé e ao redor vêm morrer as efervescências da vaga”^().*

Porto e Faculdade de Letras, 17 de Outubro de 2003

(*) GRACIÁN, Baltasar – *A arte da prudência. Oráculo manual*. Lisboa: Edições Temas da Actualidade, 1994, p. 25-26.

(**) MARCO AURÉLIO – *Pensamentos para mim próprio*. S. l. : Editorial Estampa, 1970, p. 51.